

O colapso do amor romântico

As relações como consumo e a dissolução dos vínculos afetivos

CINTIA COELHO DA SILVA

Universidade Presbiteriana Mackenzie
São Paulo, São Paulo, Brasil

ID 3180

Recebido em

19.04.2025

Aceito em

11.07.2025

ISABEL ORESTES SILVEIRA

Universidade Presbiteriana Mackenzie
São Paulo, São Paulo, Brasil

Este artigo analisa como o consumo afetivo remodela os vínculos interpessoais na contemporaneidade, por meio de um estudo de micro-história (Ginzburg, 2006) ancorado na etnografia pública (Goffman, 1959), com observação digital e off-line de um homem de 30 anos. A metodologia articula a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001) à noção de performance de si (Goffman, 1959), evidenciando práticas de gerenciamento da autoimagem, a efemeridade dos laços e estratégias de descartabilidade afetiva. Os achados demonstram como a lógica de mercado, internalizada nas interações e exposições cotidianas, dissolve vínculos reais e reconfigura a memória social.

Palavras-chave: Consumo afetivo. Micro-história. Micro-memória. Etnografia digital. Análise crítica do discurso.

The Collapse of Romantic Love: Consumer Relations and the Dissolution of Affective Bonds

This article analyzes how affective consumption reshapes interpersonal bonds in contemporary society, through a microhistory study (Ginzburg, 2006) anchored in public ethnography (Goffman, 1959), based on digital and offline observation of a 30-year-old man. The methodology combines Critical Discourse analysis (Fairclough, 2001) with the notion of self-performance (Goffman, 1959), highlighting practices of self-image management, the ephemerality of bonds, and strategies of affective discardability. The findings demonstrate how market logic, internalized in everyday interactions and forms of exposure, dissolves real connections and reconfigures social memory.

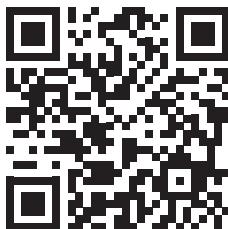
Palavras-chave: Affective consumption. Micro-history. Micro-memory. Digital ethnography. Critical discourse analysis.

El colapso del amor romántico: relaciones como consumo y la disolución de los vínculos afectivos

Este artículo analiza cómo el consumo afectivo reconfigura los vínculos interpersonales en la sociedad contemporánea, a través de un estudio de microhistoria (Ginzburg, 2006) anclado en la etnografía pública (Goffman, 1959), basado en la observación digital y presencial de un hombre de 30 años. La metodología articula el Análisis Crítico del Discurso (Fairclough, 2001) con la noción de performance de sí (Goffman, 1959), destacando prácticas de gestión de la autoimagen, la fugacidad de los lazos y estrategias de descartabilidad afectiva. Los hallazgos demuestran cómo la lógica de mercado, internalizada en las interacciones cotidianas y en las formas de exposición, disuelve las conexiones reales y reconfigura la memoria social.

Palabras clave: Consumo afectivo. Microhistoria. Micromemoria. Etnografía digital. Análisis crítico del discurso.

/autoras



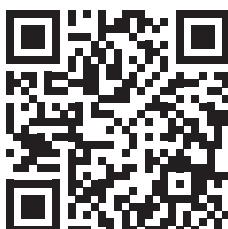
ORCID

Cintia Coelho da **SILVA**

Doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e graduada em História pela mesma instituição. Pós-graduada em Comunicação Corporativa, com MBA em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP).

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, São Paulo, Brasil.

E-mail: cintia.coelho83@gmail.com



ORCID

Isabel Orestes **SILVEIRA**

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Bacharel e licenciada em Pedagogia pela Universidade São Marcos. Bacharel em Educação Artística pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Docente da Universidade Presbiteriana Mackenzie, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura.

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, São Paulo, Brasil.

E-mail: isabel.silveira@mackenzie.br

Introdução

As relações humanas no século XXI passaram por transformações significativas, impulsionadas pela lógica do consumo e pela digitalização da sociabilidade. O fenômeno do *consumo afetivo*, termo que descreve a apropriação de vínculos e interações como bens para uso e descarte, reflete uma nova dinâmica das conexões interpessoais em que sentimentos, pulsões e impulsos são modulados por estruturas mercadológicas. Sob essa perspectiva, o amor, o desejo e a afetividade não escapam à lógica da oferta e da demanda, sendo convertidos em produtos passíveis de consumo imediato, obsolescência e substituição. Como apontado por Zygmunt Bauman (2004), a fluidez das relações contemporâneas se insere em uma dinâmica líquida, caracterizada pela efemeridade e pela falta de comprometimento duradouro.

A acessibilidade proporcionada pelos meios digitais intensificou essa tendência. Plataformas como Instagram, Facebook e aplicativos de relacionamento oferecem um cardápio afetivo no qual indivíduos podem testar, explorar e descartar conexões conforme sua conveniência. A lógica do consumo, aplicada ao campo das relações humanas, promove um cenário no qual interações são conduzidas por impulsos imediatistas, minimizando a construção de vínculos profundos. Além disso, a digitalização da presença social possibilita a curadoria constante da própria identidade, permitindo não apenas a edição da autoimagem, mas também o gerenciamento meticoloso da memória alheia sobre si, por meio da exclusão de interações passadas, do controle de rastros digitais e da modulação da visibilidade on-line.

Este artigo investiga esse fenômeno a partir de uma abordagem metodológica interdisciplinar. Por meio da micro-história (Ginzburg, 2006), busca-se analisar um caso singular capaz de refletir tendências sociais mais amplas. O estudo baseia-se em uma observação etnográfica digital (Boellstorff *et al.*, 2012) e off-line (Goffman, 1959) da conduta afetiva e social de um indivíduo de 30 anos, monitorado por um período de seis meses. A análise inclui o exame de sua interação nas redes sociais digitais, seu gerenciamento da pegada digital e seus padrões de adição e exclusão de contatos.

O indivíduo selecionado para o estudo atende a critérios previamente definidos: um jovem adulto, do sexo masculino, com idade entre 28 e 35 anos, que apresentava sinais visíveis de valorização da estética corporal (musculatura desenvolvida, frequência elevada em academias, registros visuais do próprio corpo nas redes sociais) e perfil socioeconômico médio a médio-alto. O objetivo da escolha era observar a manifestação de padrões afetivos e performáticos ligados ao consumo relacional em um grupo social específico que apresenta significativa atuação nas redes digitais, em especial no Instagram. A escolha não se deu por amostragem probabilística, mas por conveniência e densidade simbólica do caso. Reforçamos aqui que todas as informações foram coletadas sem violação de privacidade, respeitando os limites éticos da pesquisa qualitativa e os parâmetros de não intervenção direta sobre o sujeito.

Durante o período de seis meses, foi realizado um acompanhamento sistemático do perfil público do sujeito no Instagram. Os dados observados incluíram: número de novos seguidores, número de perfis seguidos, gênero predominante desses perfis (com destaque para mulheres), frequência e padrão de curtidas, bem como o comportamento de descurtir postagens previamente curtidas, indicando um processo ativo de gerenciamento de presença e rastros digitais. Essa análise foi complementada por anotações de campo realizadas em ambiente físico público (academia), com foco em aspectos visuais e comportamentais do sujeito, como interações (ou ausência delas) com mulheres com quem havia indícios de envolvimento afetivo ou sexual. Todo o material coletado consistiu em observações não invasivas de comportamentos publicamente acessíveis.

O *corpus* resultante consistiu em anotações etnográficas, capturas descritivas de padrões de comportamento digital (sem screenshots), registros de quantidade e padrão de interações (seguimentos, curtidas, descurtidas) e observações de campo em ambiente público. Foram registrados aproximadamente

100 novos seguimentos pelo sujeito ao longo do período, sendo cerca de 90% deles perfis femininos, com padrões recorrentes de aparência e exposição corporal. O tratamento dos dados ocorreu por meio de organização cronológica, identificação de recorrências e codificação interpretativa voltada à análise discursiva e simbólica da performance afetiva.

Não houve qualquer contato direto com o sujeito observado, tampouco aplicação de entrevistas ou coleta de dados privados. A pesquisa foi pautada na observação de manifestações públicas em redes sociais abertas e espaços físicos coletivos. O sujeito encontra-se integralmente anonimizado, sendo impossível sua identificação a partir das informações apresentadas. Todo o conteúdo interpretado está baseado em dados acessíveis a qualquer observador externo, dentro dos princípios da etnografia não intrusiva.

A proposta metodológica alinha-se ao que preconizam os marcos éticos para pesquisas com seres humanos quando não há interação ou coleta de dados sensíveis. A micro-história apostava na potência heurística dos casos particulares, como apontado por Carlo Ginzburg (2006), assim, ao abordar um caso único, a proposta não é de generalização, mas de compreensão profunda de algo singular que pode apontar para um fenômeno sociocultural maior – ou seja, de identificação de possíveis reverberações socioculturais mais amplas. Tal escolha não é uma limitação, mas sim um recurso epistemológico deliberado, fundado na tradição interpretativa e interdisciplinar da micro-história. A proposta da micro-história não é afirmar categoricamente que o caso analisado representa um todo, mas sugerir que ele pode ser sintomático de dinâmicas mais extensas do período em questão. Trata-se de um exercício interpretativo próprio do fazer historiográfico que propõe que o singular possa revelar traços do coletivo. São versões possíveis da história sustentadas por vestígios, indícios e interpretações.

Além disso, o conceito de micro-memória é explorado como uma nova forma de registro fragmentado das interações humanas, refletindo a natureza efêmera das conexões contemporâneas. Complementarmente, a Análise Crítica do Discurso (ACD), conforme proposta por Norman Fairclough, é utilizada para examinar trechos do capítulo “Apaixonar-se e desapaixonar-se”, presente na obra *Amor líquido*, de Bauman (2004). A articulação entre a observação digital e a análise discursiva permite compreender como a fluidez dos laços, a volatilidade da presença digital e a normalização da descartabilidade configuram um cenário de desestruturação do afeto e da identidade relacional na contemporaneidade.

Superficialidade e toxicidade das relações humanas expostas em um vocabulário contemporâneo

As transformações nos relacionamentos afetivos contemporâneos não apenas redefiniram a forma como as pessoas interagem, mas também deram origem a um vocabulário que descreve novas dinâmicas de interação, muitas vezes marcadas por superficialidade e toxicidade. Os termos que surgem nesse contexto refletem comportamentos que tornam os vínculos mais efêmeros, impessoais e descartáveis. Em um cenário no qual a instantaneidade e a acessibilidade digital permitem múltiplas conexões simultâneas, o envolvimento emocional passou a ser modulado por estratégias de distanciamento, manipulação e controle.

Dentre os muitos termos que expressam essa nova configuração das relações, destacam-se *ghosting*, *orbiting*, *breadcrumbing*, *love bombing* e *pocketing*. Cada um deles representa um aspecto específico da dinâmica afetiva contemporânea, em que a fluidez dos laços é acompanhada por táticas de evasão, ambiguidade e jogos de poder. O *ghosting*, um dos termos mais conhecidos, descreve o ato de desaparecer repentinamente de uma interação ou relacionamento sem qualquer explicação. A pessoa que o pratica simplesmente corta a comunicação, deixando de responder mensagens ou atender ligações, tornando-se um verdadeiro “fantasma” na vida do outro. Esse comportamento, que antes poderia ser considerado um caso isolado de falta de consideração, tornou-se uma prática recorrente nas interações digitais, facilitada pela natureza impessoal dos aplicativos de mensagens e redes sociais.

O *orbiting* é uma extensão do *ghosting*, mas com um componente de ambiguidade. O indivíduo que pratica *orbiting* não desaparece completamente, mas mantém uma presença sutil na vida do outro, interagindo indiretamente ao visualizar *stories*, curtir publicações ou até mesmo comentar postagens. Trata-se de uma estratégia de manter a conexão viva sem um envolvimento direto, criando a ilusão de interesse sem um compromisso real. Essa prática pode gerar confusão e prender a outra pessoa em um ciclo de expectativas não correspondidas. Já o *breadcrumbing* caracteriza-se por uma forma de manipulação emocional na qual uma pessoa mantém o interesse do outro por meio de migalhas de atenção. Pequenos gestos, como mensagens esporádicas e interações ocasionais, são utilizados para alimentar a ilusão de um possível envolvimento, ao mesmo tempo em que o *breadcrumbing* impede qualquer progressão concreta na relação. Essa prática insere-se na lógica do consumo afetivo, em que o outro é mantido como uma opção disponível, mas nunca como prioridade.

Por outro lado, o *love bombing* opera de maneira inversa. Em vez da negligência calculada, essa prática envolve uma explosão inicial de atenção e afeto excessivos, com declarações apaixonadas e demonstrações intensas de carinho. Essa estratégia pode parecer romântica à primeira vista, mas geralmente serve como um meio de controle emocional em que o indivíduo, depois de conquistar a confiança da outra pessoa, pode reverter seu comportamento e passar a manipulá-la por meio de negligência ou distanciamento. O *pocketing*, por fim, representa outro aspecto da superficialidade relacional contemporânea: o ocultamento. Quem pratica *pocketing* mantém um relacionamento, mas evita apresentá-lo a amigos, familiares ou qualquer círculo social relevante. Isso pode ocorrer por diversas razões, desde insegurança até a tentativa de manter outras possibilidades afetivas em aberto, sem que a relação se torne pública. Em um mundo onde a validação social tem um papel central na identidade digital, ser “escondido” pode gerar sentimentos de invalidação e baixa autoestima no parceiro que é mantido à margem.

Esse conjunto de práticas revela não apenas um padrão de superficialidade e instabilidade nas relações modernas, mas também o impacto da cultura digital na forma como as conexões afetivas são gerenciadas.

Tabela 1: Glossário

Nº	Termo	Descrição
1	Benching	Quando uma pessoa mantém outra em “reserva emocional”, sem um compromisso real.
2	Breadcrumbing	Quando alguém mantém o interesse do outro com pequenos gestos ocasionais, sem a intenção de levar a relação adiante.
3	Catfishing	Quando alguém finge ser outra pessoa on-line, utilizando fotos, informações falsas ou identidade fictícia para enganar outras pessoas.
4	Conversante	Alguém com quem se mantém longas conversas on-line sem que isso evolua para um encontro real.
5	Cushioning	Quando alguém em um relacionamento flerta com outras pessoas como uma “rede de segurança” caso o relacionamento principal não funcione.
6	Ghosting	Quando alguém desaparece repentinamente de uma interação ou relacionamento sem qualquer explicação.
7	Haunting	Quando alguém que desapareceu continua observando as redes sociais da outra pessoa, sem retomar contato direto.
8	Love bombing	Quando uma pessoa inicia um relacionamento com demonstrações exageradas de afeto para manipular e controlar o parceiro.

Nº	Termo	Descrição
9	Match	Quando duas pessoas expressam interesse mútuo em um aplicativo de relacionamento.
10	Negging	Um elogio que, na verdade, é um insulto disfarçado, utilizado para diminuir a autoestima da outra pessoa.
11	Orbiting	Quando uma pessoa mantém uma presença sutil, sem realizar uma interação direta.
12	Phubbing	Ignorar alguém em um encontro para interagir com o celular.
13	Pocketing	Quando a pessoa parceiro esconde uma relação dos amigos e familiares, evitando apresentar o parceiro ao seu círculo social.
14	Webnamoro	Relacionamento mantido exclusivamente no ambiente digital, sem encontros presenciais.
15	Whelming	Quando alguém reclama constantemente sobre ser muito requisitado nos aplicativos de namoro.
16	Zombieing	Quando a pessoa que deu um ghosting reaparece como se nada tivesse acontecido.
17	Zumping	Quando o término de um relacionamento acontece por videochamada.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Esse vocabulário parcial reflete como as relações afetivas foram moldadas pela lógica da descartabilidade e da superficialidade, demonstrando como as interações humanas adaptaram-se ao ambiente digital e ao consumo afetivo.

O gerenciamento da presença digital e o ciclo de uso e descarte: o caso de um homem de 30 anos na dinâmica do consumo afetivo

Este tópico traz o resultado da observação etnográfica digital (Boellstorff *et al.*, 2012) e off-line (Goffman, 1959), pelo período de seis meses, de um homem de 30 anos de idade, com nível de escolaridade superior e atuação profissional no mercado financeiro. O critério de seleção do sujeito baseou-se em um perfil social e simbólico específico: tratava-se de um jovem adulto, com entre 20 e 30 anos, do sexo masculino, fisicamente musculoso e com traços evidentes de vaidade corporal. A escolha também levou em conta a classe social percebida, sendo o sujeito enquadrado entre as classes média e média-alta, conforme a análise de marcadores simbólicos visíveis em suas mídias sociais: locais frequentados, produtos consumidos, marcas vestidas, estilo de vida exposto. A abordagem metodológica da pesquisa não envolveu contato direto, abordagem interpessoal, nem qualquer tipo de intervenção junto ao sujeito observado.

Durante todo o período da pesquisa, não houve qualquer tipo de interlocução direta com o sujeito observado. Nenhuma entrevista foi conduzida, tampouco foi feito qualquer contato, abordagem, questionamento ou solicitação de consentimento para participação. O estudo baseou-se exclusivamente em observações não participantes, tanto no ambiente digital (Instagram) quanto em ambientes físicos de circulação pública (como a academia), sem interferência ou comunicação entre pesquisadora e sujeito. Ainda que o sujeito de pesquisa não tenha estado ciente de que suas ações comportamentais eram analisadas, toda a observação realizada recaiu sobre comportamentos e manifestações públicas.

O perfil analisado no Instagram era público, aberto a qualquer usuário, e os comportamentos em espaços físicos foram observados em locais de livre acesso. Dessa forma, os dados coletados correspondem a informações que o próprio sujeito disponibiliza voluntariamente e conscientemente em domínio público, sem qualquer violação de privacidade ou invasão de intimidade. Do ponto de vista ético, a integridade e o anonimato do sujeito estão rigorosamente preservados: não há menção a nome, localização, imagens, pseudônimos ou qualquer dado que permita sua identificação direta ou indireta. O recorte é simbólico, comportamental e discursivo, sem qualquer intenção ou risco de exposição. Portanto, trata-se de uma pesquisa ética e legítima, que respeita os limites da observação em espaços públicos e cumpre rigorosamente os preceitos da confidencialidade, do não contato, da não intervenção e da não identificação.

A coleta de dados se deu por meio da captura de telas no período inicial e final da observação, possibilitando o registro do aumento de novos perfis que passaram a ser seguidos pelo indivíduo observado. Houve também anotações a partir de visualizações e análises diárias do perfil do Instagram, possibilitando a constatação de determinados comportamentos e ações que podem revelar fenômenos sociais e afetivos comuns a uma grande parte da sociedade contemporânea brasileira, transcendendo a esfera pessoal e apontando para tendências mais amplas na dinâmica relacional, uma vez que a micro-história permite analisar estruturas maiores a partir de eventos singulares (Ginzburg, 2006).

Durante o período de observação, esse indivíduo adicionou no Instagram mais de 100 novos contatos, entre homens e mulheres, sendo na maioria dos casos perfis de mulheres. No entanto, seu comportamento não se restringe à ampliação de sua rede social: ele também pratica um gerenciamento meticoloso de seu rastro digital. A análise de sua atividade revela a recorrente ação de curtir e posteriormente descurtar fotos de mulheres, às vezes dentro de poucas horas, dias ou até semanas, evidenciando uma estratégia deliberada de controle da memória digital e de seu rastro deixado em perfis alheios.

Tabela 2: Perfis de mulheres alvo do indivíduo observado

Perfil social	Faixa-etária	Características gerais principais	Comportamento do indivíduo em relação às mulheres analisadas
Mães solo	18 - 40+ anos	Mulheres que já tiveram filhos e podem demonstrar maior vulnerabilidade emocional e necessidade de estabilidade. Inclui desde jovens mães da geração Z até mulheres acima dos 40 anos.	Interação constante, raramente descurte fotos curtidas anteriormente. Essas mulheres parecem ser mais receptivas ao crumbing (tática de oferecer migalhas de atenção para manter o interesse delas).
Meninas da geração Z (18 - 25 anos)	18 - 25 anos	Jovens adultas no início da carreira ou ainda cursando a faculdade, geralmente expostas ao ambiente digital e mais propensas a interações informais.	Curte e descurte fotos de maneira alternada, testa reações e, muitas vezes, apaga rastros digitais caso a interação não avance para um envolvimento concreto.
Meninas prestes a atingir a maioridade (17 - 18 anos)	17 - 18 anos	Meninas que acabaram de atingir a maioridade ou que estão na transição dos 17 para os 18 anos, mantendo um aspecto juvenil, mas dentro da legalidade.	Busca a conexão com perfis muito jovens, geralmente interage com curtidas e observa o engajamento antes de qualquer tentativa de aproximação.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

O comportamento desse indivíduo sugere que o Instagram não é para ele apenas uma ferramenta de conexão e socialização, mas sim um meio estratégico para exercitar controle sobre sua presença on-line, seja para testar o alcance de suas interações, evitar compromissos explícitos ou simplesmente para manter um catálogo rotativo de possibilidades afetivas e sexuais. Como apontado na matéria “Why People Have Fallen Out of Love with Dating Apps”, da *The Economist* (2024), há uma tendência ao abandono do uso de apps próprios para relacionamentos, e este estudo de caso pode evidenciar ou sugerir uma possível migração desses indivíduos para plataformas de redes sociais como o Instagram, em que os usuários percebem maior controle, menor exposição a riscos e uma dinâmica de interação mais fluida. Essa transição reforça a noção de que as redes sociais se tornaram “cardápios afetivos” nos quais os indivíduos podem escolher, descartar e revisituar contatos conforme for conveniente para si.

Tabela 3: Gestão de autoimagem na era digital – *case* do indivíduo de 30 anos

Cenários observados	Descrição comportamental	Possível interpretação
Teve êxito na interação sexual	Curtia fotos, mas após encontro sexual passava a curtir e descurtir, a fim de apagar rastros.	Eliminação de evidências da fase de flerte para não comprometer sua imagem com outras mulheres.
Ainda em processo de sedução	Mantém todas as curtidas visíveis e continua com engajamento ativo.	Ainda não conseguiu conquistar a mulher, e continua investindo na interação.
Interesse inicial não correspondido	Descurte fotos rapidamente se não há reciprocidade da mulher, apagando o vestígio da tentativa.	Evita demonstrar fracasso ao apagar sinais de interesse que não foram correspondidos.
Autopercepção e narcisismo digital	Gerencia sua imagem digital de maneira estratégica para parecer solteiro e sempre disponível.	Quer construir uma imagem de disponibilidade, maximizando suas oportunidades.
Manutenção de catálogo de opções	Mantém curtidas em perfis de mulheres selecionadas para garantir um portfólio de futuras opções.	Gerencia suas interações como um “catálogo”, os descartando e revisitando conforme interesse.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os aplicativos de namoro, que antes eram vistos como uma solução revolucionária para os encontros na contemporaneidade, estão perdendo popularidade devido a vários fatores, como o cansaço gerado pela busca incessante, a sensação de baixa taxa de sucesso etc. Essa frustração tem levado muitos usuários a buscarem alternativas dentro de suas próprias redes sociais, nas quais os contatos são mantidos mesmo sem interação constante, permitindo que potenciais interesses românticos sejam revisados ou reativados com o tempo, conforme interesse. Essa mudança reflete uma preferência por ambientes que oferecem maior controle, menos barreiras de contato e uma sensação de proximidade mais orgânica. Diferentemente dos aplicativos de namoro, nos quais a rejeição é explícita no não *match*, as redes sociais permitem abordagens mais sutis e progressivas, sem a necessidade de um aceite imediato.

A forma como o indivíduo em questão analisa, ajusta e apaga interações demonstra não apenas um consumo afetivo, mas também uma profunda preocupação com a memória alheia. Sua manipulação de rastros digitais não ocorre ao acaso, mas reflete um entendimento sofisticado da dinâmica de reputação on-line, podendo a ação de curtir e descurtir fotos ser interpretada como uma tentativa de testar reações e de exercer influência sobre a percepção dos outros. Mais do que simplesmente apagar rastros, esse gerenciamento meticoloso indica um desejo de manter um nível de controle sobre como ele é percebido e lembrado por aqueles que o seguem ou o acompanham de alguma forma.

A literatura sobre memória coletiva já apontou que os registros digitais desempenham um papel significativo na construção da identidade pública (Assmann, 2011). No contexto do consumo afetivo, a exclusão de interações anteriores pode funcionar como uma estratégia de gestão da pegada digital, suprimindo evidências que possam ser revisadas posteriormente e comprometendo a autonomia do indivíduo sobre sua narrativa pessoal. Além disso, essa necessidade de apagar rastros e gerenciar a memória pode estar atrelada à autopreservação da reputação. Em um contexto em que a exposição digital pode ser rapidamente viralizada e recontextualizada, minimizar os indícios de interesse efêmero pode ser uma maneira de evitar contradições públicas e preservar a liberdade de ação em futuras interações.

Outro aspecto relevante para a análise desse caso é a presença do álcool na identidade digital do sujeito. Em seu perfil no Instagram, das 65 fotos publicadas, 11 são imagens retratando o consumo de bebidas alcoólicas, ora em contextos de festas ou baladas, ora viagens. Esse padrão reforça a relação entre álcool e interação social, um vínculo amplamente documentado na literatura acadêmica e explorado pela matéria “The Perks of Sober Dating”, da *Time* (2025). O álcool frequentemente funciona como uma muleta social nos encontros românticos. Desde os *happy hours* até as festas e interações casuais, a bebida atua como uma âncora social que diminui a inibição e reduz a ansiedade associada a interações afetivas e sexuais (Fairbairn; Sayette, 2014). A própria ficção frequentemente retrata o álcool como um elemento-chave na sedução e na intimidade, como se vê em filmes como *James Bond*, em que um drinque sempre antecede um encontro amoroso.

Em contrapartida, a pesquisa mencionada pela *Time* sugere que, quando indivíduos optam por encontros sem álcool, eles tendem a buscar conexões mais profundas e significativas, enquanto aqueles que mantêm o consumo frequente acabam mais propensos a interações superficiais e efêmeras. Além disso, a ausência do álcool pode revelar inseguranças que estavam antes mascaradas, tornando a experiência social mais desafiadora, mas também mais autêntica. Assim, a presença do álcool na identidade digital do indivíduo analisado pode indicar a internalização desse papel cultural. O fato de ele escolher imagens que o retratam consumindo bebidas sugere que ele se projeta como alguém alinhado a esse código social, reforçando a ideia de que o consumo de álcool é um elemento central na sua apresentação pública. Assim, o álcool não se restringe a um hábito pessoal, mas opera como um elemento simbólico da identidade social que reforça a ideia de disponibilidade, sociabilidade e até mesmo de desejo.

No que tange ao comportamento *off-line* do indivíduo, a dinâmica de consumo e descarte permanece frisada em suas particularidades. Realizei um acompanhamento informal, observando as ações e comportamentos do sujeito, igualmente pelo período de seis meses e no período noturno, em uma academia. No espaço físico da academia, pude perceber que o indivíduo também gerencia sua imagem de forma meticolosa, conforme o faz no digital. Ele mantém uma postura calculada e estratégica, evitando qualquer tipo de interação ou demonstração que possa fornecer algum possível indício de proximidade ou envolvimento com mulheres daquele local.

No entanto, por volta do terceiro mês de análise “uma cortina se abriu”, e pude constatar o envolvimento do sujeito do estudo com diversas mulheres daquele espaço. Seus encontros são agendados ou acordados por meios digitais, como Instagram e WhatsApp, sem que ninguém perceba, a não ser alguém muitíssimo atento, uma vez que no off-line (no mundo físico) ele se comporta como um completo estranho

perante tais mulheres, garantindo que seu *status* de disponibilidade e autonomia permaneça intocado diante de qualquer observador mais desatento.

A abertura dessa “cortina” se deu em um âmbito bem mais profundo e atento desta análise, em que alguns “deslizes” seus forneceram indícios sobre essas interações, tais como: publicação de fotos, por parte das mulheres, que traziam o sujeito ao fundo; *stories* publicados pelo sujeito que denunciava no reflexo da lente de seus óculos a mulher que estava à sua frente; e assim por diante. Essa parte do estudo foi inspirada e embasada na obra “Mitos, emblemas e sinais” de Ginzburg (1989), que aponta como a partir de indícios podemos não apenas identificar elementos que passariam despercebidos por muitos, como até mesmo prever ou predizer possíveis próximos movimentos e ações, tudo por meio da observação.

Minha observação constatou que esse tipo de interação encontra respaldo na dinâmica de sujeição ou aceitação feminina, especialmente, mas não exclusivamente, entre as mulheres da geração Z que frequentam aquele espaço. Tais mulheres aceitam essa condição de anonimato nesse formato de interação sexual. Um caso emblemático dessa sujeição ou aceitação foi observado no comportamento de uma jovem de 23 anos, estudante de Medicina, que frequenta a mesma academia e relacionou-se de forma esporádica com esse indivíduo. Sua aceitação irrestrita desse modelo relacional se expressa não apenas no campo do comportamento, mas também na maneira como ela própria se enxerga e se apresenta ao mundo.

Em uma publicação simbólica, mais precisamente uma foto de perfil do Facebook, essa mulher se colocou simbolicamente à venda em um *template* do Mercado Livre, avaliando-se no valor de dois milhões de reais e listando suas “características” como uma mercadoria. Nesse “anúncio fictício”, traços de objetificação e submissão ficam evidentes: além de reforçar sua condição de bem consumível, a descrição trazia elementos afetivos e sexuais, como “beija bem” e “nunca vai te trair”, explicitando o quanto sua identidade se confunde com a necessidade de validação masculina e o desejo de adequar-se às exigências do mercado sexual contemporâneo.

Segundo Eva Illouz (2011), as mulheres internalizam as dinâmicas do mercado afetivo, ajustando-se às expectativas impostas do chamado *capitalismo emocional* ou *capitalismo afetivo*, explicitando que o amor contemporâneo é permeado por lógicas mercadológicas nas quais os afetos são modelados por estruturas de consumo. Os padrões de comportamento analisados neste estudo de caso exemplificam um modelo emergente de interações afetivas e sexuais, na contemporaneidade, marcado pelo gerenciamento meticoloso da pegada digital, pela fragmentação das relações e pela normalização da descartabilidade emocional. A transição do uso de aplicativos de namoro para as redes sociais reforça um movimento mais amplo de redução da afetividade ao campo do consumo, em que conexões são testadas, exploradas e descartadas conforme for conveniente. Além disso, a persistente associação entre o álcool e as interações sociais aponta para uma insegurança estrutural nas relações modernas que faz com que a autenticidade emocional pareça depender de elementos externos para se manifestar. Ao iluminar tais dinâmicas sob a perspectiva da micro-história, este estudo busca contribuir para uma compreensão mais aprofundada das novas configurações do desejo na era digital, ressaltando os desafios e as contradições de relações cada vez mais líquidas e performáticas.

Memória alheia, memória coletiva e micro-memória

A crescente digitalização das relações interpessoais trouxe consigo uma nova forma de gestão das interações passadas, em especial na forma como os indivíduos moldam sua presença e sua percepção sociais. Para compreender essa dinâmica, é essencial distinguir três conceitos fundamentais: *memória alheia*, *memória coletiva* e *micro-memória*. A memória alheia diz respeito à forma como um indivíduo é lembrado por outros e como sua imagem é registrada na percepção alheia. No contexto digital, isso se traduz na pos-

sibilidade de modificar rastros digitais, como curtidas, comentários e interações, permitindo que um indivíduo controle ou apague registros de sua existência digital conforme lhe convir. Essa estratégia pode ser interpretada como uma tentativa de gerir não apenas sua identidade, mas também a narrativa que terceiros constroem sobre ele (Assmann, 2011).

A *memória coletiva*, conforme definida por Aleida Assmann (2011), é um fenômeno social no qual grupos constroem e compartilham uma narrativa comum sobre o passado. No ambiente digital, isso se manifesta na forma como eventos e interações se tornam parte de um registro coletivo on-line. Redes sociais servem como arquivos dinâmicos dessa memória, tornando a gestão de interações passadas um fator crucial para a manutenção da imagem e da reputação.

A *micro-memória*, termo que pode ser associado à ideia de registros fragmentados e transitórios das interações humanas, dialoga com abordagens da *micro-história* (Ginzburg, 1989) e da *memória cultural efêmera* (Nora, 1993). Enquanto a memória coletiva estrutura-se em grandes narrativas compartilhadas, a micro-memória opera em um nível individual e momentâneo, refletindo a fluidez das interações e a ausência de um rastro duradouro. No contexto digital, isso pode ser observado em conteúdos voláteis, como *stories* que desaparecem em 24 horas, mensagens autodestrutivas e perfis editáveis em que o usuário constantemente redefine sua pegada digital. Como propõe Pierre Nora (1993), a transição da “memória-memorial” para “memórias instantâneas” reflete uma mudança na relação dos sujeitos com a historicidade e o registro do passado.

No estudo de caso analisado, observa-se que o indivíduo gerencia ativamente sua *memória alheia* ao curtir e descurtir fotos de mulheres, apagando interações anteriores e controlando sua pegada digital. Essa prática está alinhada com a lógica da micro-memória, na qual as interações são transitórias e cuidadosamente moduladas para evitar compromissos implícitos ou registros permanentes. Paralelamente, a participação desse indivíduo em redes sociais reflete a influência da memória coletiva, já que suas ações e interações passam a integrar um panorama mais amplo de comportamento socialmente condicionado.

Dessa forma, a análise do consumo afetivo na era digital revela um intenso processo de edição da própria identidade, no qual as memórias afetivas e sociais são filtradas e reconfiguradas constantemente. Tal processo reforça a efemeridade das relações humanas e a busca por uma gestão minuciosa da identidade digital, tornando o afeto um elemento cada vez mais volátil e performático na contemporaneidade.

Análise Crítica do Discurso: trechos de Amor líquido, de Bauman

A presente análise sobre o capítulo “Apaixonar-se e desapaixonar-se”, do livro *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (2004), de Zygmunt Bauman, visa complementar, por meio da Análise Crítica do Discurso (ACD) de Norman Fairclough (2001), a reflexão sobre a fragilidade dos laços humanos sob a lógica do mercado. A ACD se baseia em três níveis: primeiro, o nível da palavra (análise linguística), que examina as escolhas lexicais e estrutura das frases; segundo, o nível do discurso (análise discursiva), que explora como o discurso constrói significados dentro de um contexto; e terceiro, o nível social (análise sociocultural), que relaciona o discurso a estruturas sociais e culturais.

A partir da obra *Amor líquido* (Bauman, 2004), é possível observar, por meio da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001), como a linguagem evidencia as transformações nas relações afetivas sob a lógica do consumo. A seguir, o trecho selecionado sintetiza essa lógica, ao afirmar que

Atingir a capacidade de amar será sempre necessariamente uma rara conquista, e assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (Bauman, 2004, p. 21).

No nível da palavra, há o uso de termos como “produto pronto”, “prazer passageiro” e “satisfação instantânea”, que associam o amor a um modelo de consumo. Expressões como “garantia” e “devolução do dinheiro” satirizam a idealização de relações descartáveis e sem comprometimento. Esses vocábulos revelam a apropriação da lógica mercadológica para o campo afetivo. No nível discursivo, o trecho evidencia a mercantilização do amor, demonstrando como as relações passaram a ser avaliadas segundo uma lógica transacional: se não correspondem às expectativas, tornam-se passíveis de substituição. A ideia de que “aprender a arte de amar” é uma “oferta” reforça essa percepção, evidenciando que até mesmo o aprendizado do amor se tornou um produto vendável.

Por fim, no nível social ou sociocultural, o discurso denuncia uma sociedade de consumo afetivo, na qual o amor não requer esforço nem sacrifício, mas deve ser prático e recompensador. Isso reduz a profundidade das relações, naturaliza o descarte rápido de parceiros e sustenta a efemeridade como norma. A análise do trecho selecionado, sob a ótica da Análise Crítica do Discurso de Fairclough, da obra de Bauman (2004) permite compreender como a fragilidade das relações humanas é discursivamente exposta e reforçada no contexto contemporâneo. A partir do excerto, evidencia-se uma crítica à efemeridade dos vínculos e à transformação das relações afetivas em produtos de consumo sujeitos às lógicas de descartabilidade e satisfação instantânea.

É possível, ainda, observar como a metáfora do “líquido” permeia a narrativa, consolidando a ideia de relações voláteis e fugazes, que se moldam à conveniência do momento. A análise revela a interconexão entre os discursos afetivos e a lógica de mercado, em que o desejo, a troca e a obsolescência passam a reger as interações interpessoais. Deste modo, a aplicação da ACD ao texto de Bauman contribui para um entendimento mais aprofundado do agravamento das transformações nos laços relacionais e do impacto da cultura do consumo sobre o afeto e os relacionamentos na contemporaneidade.

O problema não está nos meios de interação, mas na incapacidade de se relacionar: a dinâmica do consumo (uso e descarte) e a cultura do narcisismo

Nunca houve tantos meios para conhecer pessoas e iniciar relacionamentos quanto hoje. Redes sociais, aplicativos de namoro, clubes e eventos voltados para solteiros oferecem uma infinidade de oportunidades para encontros. Entretanto, mesmo com essa hiperdisponibilidade de interações, as relações humanas nunca estiveram tão frágeis, voláteis e marcadas pelo fracasso. A crescente frustração em relação aos relacionamentos amorosos e à solidão não decorre da falta ou supostas falhas dos meios para encontrar parceiros, mas sim da incapacidade estrutural de se relacionar para além da superficialidade do consumo afetivo.

A cultura contemporânea reduziu os vínculos humanos a uma lógica de uso e descarte, na qual as pessoas não são mais percebidas como sujeitos com profundidade, mas sim como produtos que podem ser testados, comparados e substituídos. Essa dinâmica manifesta-se na forma como as interações são conduzidas: uma constante experimentação sem compromisso, na qual o foco está na satisfação momentânea em detrimento da construção de qualquer laço duradouro. Como evidencia o estudo de caso, a migração incessante entre plataformas e espaços sociais – festas, eventos, aplicativos de namoro e redes sociais – não reflete uma busca genuína por conexão, mas sim um padrão de experimentação contínua e sem resultado. Além disso, essa multiplicidade de meios e formas só reforça o caráter de consumo das relações, conforme o qual se busca variedades de opções (como se busca de produtos) e um suposto perfeito ajuste “ao gosto do freguês”.

O paradoxo desse fenômeno é que, enquanto há um número cada vez maior de ferramentas para conectar pessoas, os laços reais estão se dissolvendo. A sociedade digital criou a ilusão de abundância de opções, mas, na prática, isso desvalorizou cada interação, transformando os encontros humanos em um jogo de constantes trocas e descartes. O indivíduo contemporâneo, estimulado por essa lógica, perdeu a capacidade de enxergar o outro como uma alteridade genuína. Ao invés disso, relaciona-se consigo mesmo por meio do outro, buscando apenas reflexos das próprias expectativas.

A cultura do narcisismo digital elevou a validação pessoal ao centro das relações, tornando o amor e o afeto secundários em comparação à necessidade de manter uma imagem idealizada. O apaixonamento não acontece mais pelo outro, mas sim por si mesmo e pela forma como se é percebido pelo outro. O amor romântico, antes fundamentado na alteridade e no reconhecimento do outro como um ser distinto, foi substituído por uma dinâmica em que o outro é um espelho projetivo, uma peça que deve se encaixar na narrativa de autopromoção do indivíduo.

Essa cultura do “apaixonamento pelo eu” gera a incapacidade de entrega emocional, pois qualquer envolvimento real exigiria vulnerabilidade e comprometimento, exatamente aquilo que a cultura narcisista evita. A lógica da descartabilidade, amplificada pelos aplicativos de relacionamento, intensifica esse fenômeno: o outro deixa de ser um parceiro em potencial e passa a ser uma opção em meio a um catálogo infinito, sempre passível de ser trocado por algo aparentemente melhor. Como consequência, há um ciclo de tentativas frustradas em que a busca por uma relação nunca se concretiza, pois o problema não está na ausência de opções, mas na incapacidade de sustentar qualquer vínculo que exija envolvimento real.

Portanto, a falência dos relacionamentos contemporâneos não deve-se à falta de oportunidades ou ferramentas, mas sim à mercantilização das interações, à conversão do afeto em consumo e à centralidade da cultura narcísica na vida emocional. Não importa quantos novos meios sejam criados para facilitar encontros: enquanto as pessoas não aprenderem a se relacionar para além da lógica da performance e do consumo, a solidão continuará sendo a marca dos tempos atuais.

Considerações finais

Este artigo analisou como o consumo afetivo e a comoditização das relações humanas reconfiguraram os vínculos românticos e sexuais na contemporaneidade. Por meio da observação etnográfica digital e off-line de um indivíduo de 30 anos, constatou-se que as interações afetivas contemporâneas estão cada vez mais regidas pela lógica do consumo, na qual as conexões são testadas, descartadas e constantemente revisadas dentro de um modelo de rotatividade e efemeridade. O gerenciamento meticoloso da pegada digital, a associação entre álcool e sociabilidade e a migração do flerte para redes sociais generalistas como o Instagram demonstram como o desejo e a interação interpessoal moldam-se às dinâmicas do mercado.

Assim, ao longo deste artigo, revelamos o funcionamento de uma lógica contemporânea de relações afetivas marcadas por fluidez, efemeridade e gestão da imagem principalmente no ambiente digital – pois este último é mais facilmente administrável, uma vez que a construção e a dissolução de laços se dão por meio de um clique na tela de algum dispositivo. O estudo de caso demonstrou como um sujeito jovem, homem, de classe média ou média-alta, porte físico dentro dos padrões desejáveis de beleza masculina (musculoso e forte) e socialmente inserido constrói sua presença por meio da curadoria minuciosa de interações públicas tanto digitais quanto físicas, refletindo o funcionamento mais amplo de uma cultura afetiva calcada no consumo e no narcisismo (não no sentido clínico, mas cultural do conceito, como uma cultura da idolatria do “eu”).

Mobilizamos aqui os dados empíricos observados ao longo de seis meses para fundamentar os achados: o sujeito foi observado em sua atuação pública no Instagram, tendo passado a seguir, durante o período, mais de 100 novos perfis, dos quais a ampla maioria pertencia a mulheres, enquanto desfazia

interações anteriores (curtidas, comentários, *follows*). Além disso, observou-se um padrão reiterado de curtidas e descurtidas, indicativo de uma gestão ativa da memória digital. No ambiente físico, sua atuação foi observada em um espaço público (academia) onde foram identificados padrões semelhantes de vinculação e posterior esquiva em interações com mulheres – muitas das quais não mantinham qualquer vínculo público visível com ele nas redes. Tais observações permitiram afirmar que o sujeito em questão mobiliza estratégias típicas de gestão da memória alheia e da micro-memória, evitando registros duradouros e performando presença e ausência de forma calculada. Trata-se de um fenômeno sociocomunicacional que não depende de vínculos interpessoais profundos, mas da manutenção performática de si mesmo diante do outro – um outro descartável.

Dessa forma, a pesquisa evidenciou que a fragmentação das relações e a desvinculação entre sexualidade e compromisso afetivo são acompanhadas de novas práticas sociais e linguagens que legitimam e naturalizam a descartabilidade emocional. Conceitos como *ghosting*, *orbiting* e *breadcrumbing* apontam para um cenário em que as interações se tornaram performáticas e sujeitas a mecanismos de controle e validação digital. O estudo da identidade digital do indivíduo observado reforça a tese de que a era da hiper-modernidade (Lipovetsky; Charles, 2004) consolidou um modelo relacional no qual o afeto se tornou fluido, a memória social é editável e a autonomia individual sobre a narrativa pessoal é constantemente renegociada.

Diante dessas evidências, a abordagem micro-histórica mostrou-se uma ferramenta metodológica relevante para compreender possíveis fenômenos socioculturais mais amplos. A partir da análise detalhada de um caso específico, foi possível traçar padrões e potenciais tendências que se inserem em um contexto maior, revelando como as dinâmicas afetivas se estruturam dentro das lógicas do consumo e da performance digital. As implicações desse fenômeno na sociedade contemporânea são vastas, de modo que a precarização dos laços afetivos impacta não apenas as relações interpessoais, mas também a percepção de identidade, pertencimento e segurança emocional dos indivíduos. A crescente migração das interações para o espaço digital, aliada ao declínio dos aplicativos de namoro e à persistente associação entre álcool e sociabilidade, indica que novas formas de engajamento afetivo estão em construção, mas ainda sob a égide da fluidez e da descartabilidade.

Este artigo buscou compreender como a lógica de uso e descarte presente nas dinâmicas de consumo contemporâneo tem atravessado as relações afetivas e moldado os modos de interação e gestão da presença digital. Através da análise de um estudo de caso, sustentado por observações públicas nos ambientes físico e digital, observou-se que o sujeito investigado conduz suas interações com alto grau de seletividade, controle e volatilidade, apagando rastros e evitando vínculos permanentes.

As ações digitais, como seguir, curtir e descurtir, revelaram-se não apenas meros gestos cotidianos, mas estratégias comunicacionais calculadas, que compõem o que chamamos aqui de *micro-memória digital*: uma prática de gestão da imagem social voltada à efemeridade e ao distanciamento emocional. Tal comportamento foi identificado tanto nas interações do sujeito com outras mulheres no ambiente virtual (como Instagram) quanto na ausência de interações físicas públicas no ambiente da academia, local igualmente público onde o sujeito repete a lógica do uso silencioso e da descaracterização do vínculo afetivo-social.

Essa constatação reforça a hipótese de que as dinâmicas afetivas contemporâneas são profundamente atravessadas por uma racionalidade performática marcada por estratégias de visibilidade, controle da narrativa e recusa da permanência, ao mesmo tempo em que evidenciam que mesmo os afetos se tornaram, hoje, um palco para performances controladas em que o outro é muitas vezes reduzido a um espelho – descartável – da própria vaidade. Dessa forma, as conclusões aqui apresentadas reafirmam que as tecnologias digitais, aliadas à cultura do narcisismo e ao consumo relacional, têm produzido formas de desvinculação relacionais em encontros “consumistas”, o sujeito contemporâneo administrando sua própria presença pública enquanto evita qualquer entrega emocional que lhe exija permanência, intimidade ou verdade.

Diante da análise empreendida, constata-se que a superficialidade das interações afetivas contemporâneas não se deve à ausência ou ao excesso de meios de contato, mas à crescente inabilidade dos sujeitos em estabelecerem vínculos genuínos. Os dados empíricos coletados – tanto em observação digital quanto presencial, sempre em espaços públicos – demonstram a recorrente prática de uso e descarte nas relações humanas, um comportamento que mimetiza a lógica do consumo. Através do acompanhamento do comportamento de um indivíduo específico, observou-se uma meticulosa administração de rastros digitais com o objetivo de gerar estímulos de desejo e controle.

Tal dinâmica evidencia não apenas o esvaziamento simbólico do encontro humano, mas o avanço de uma cultura narcísica que impede o reconhecimento do outro como alteridade. O estudo oferece, assim, pistas relevantes sobre uma possível lógica mais ampla que atravessa os vínculos contemporâneos, marcada pelo distanciamento emocional, pela estetização dos afetos e pela performatividade do eu. Desse modo, reafirma-se a hipótese de que, mais do que novos aplicativos ou dispositivos de mediação, o que está em crise é a própria disposição para o encontro real com o outro – um encontro que exige reciprocidade, escuta e entrega, elementos cada vez mais ausentes na era do amor líquido e da paixão por si.

Por fim, reforçamos que os dados mobilizados foram todos obtidos em ambientes públicos, sem qualquer tipo de interação com o sujeito observado. Nenhuma informação privada foi acessada, nenhum dado identificável foi divulgado e nenhuma indução foi realizada. Trata-se, portanto, de uma análise situada nos princípios éticos da observação não intervencionista e pública. O artigo contribui para o debate contemporâneo sobre consumo afetivo, identidade digital e cultura narcísica ao iluminar as formas atuais de vinculação e o esvaziamento progressivo da alteridade nas relações humanas.

Referências

ASSMANN, A. **Cultural Memory and Western Civilization:** Functions, Media, Archives. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

BATTLE, M. The Perks of Sober Dating. **Time**, on-line, 8 jan. 2025. Disponível em: <<https://time.com/7205261/consider-sober-dating-essay/>>. Acesso em: 9 mar. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BOELLSTORFF, T.; NASSETH, B.; PEARCE, C.; TAYLOR, T. L. **Ethnography and Virtual Worlds:** a Handbook of Method. Princeton: Princeton University Press, 2012.

FAIRBAIRN, C. E.; SAYETTE, M. A. A Social-Attributional Analysis of Alcohol Response. **Psychological Bulletin**, Washington, v. 140, n. 5, p. 1361-1382, set. 2014. Disponível em: <<https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC4153408/>>. Acesso em: 9 mar. 2025.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora UnB, 2001.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais:** morfologia e história. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOFFMAN, E. **The Presentation of Self in Everyday Life.** Nova York: Doubleday Anchor Books, 1959.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. **Os tempos hipermodernos.** Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História:** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, jul.-dez. 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 9 mar. 2025.

WHY PEOPLE HAVE Fallen Out of Love with Dating Apps. **The Economist**, on-line, 30 jul. 2024. Disponível em: <<https://www.economist.com/business/2024/08/08/why-people-have-fallen-out-of-love-with-dating-apps>>. Acesso em: 9 mar. 2025.

informações do artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

O artigo é resultado de estudos autorais contínuos sobre o papel do consumo na sociedade contemporânea, iniciados durante a pesquisa de mestrado intitulada *Uma história do consumo na sociedade francesa contemporânea* e aprofundados na obra *Tendências e contornos da sociedade de consumo*, primeiro volume da trilogia *Mídia, mediações e consumo*. Este trabalho representa um desdobramento específico da linha de investigação que analisa como as relações humanas passaram a adotar uma lógica de consumo.

Fontes de financiamento

Não se aplica.

Apresentação anterior

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais

Não se aplica.

informações para textos em coautoria

Concepção e desenho da pesquisa

Cintia Coelho da Silva

Coleta de dados

Cintia Coelho da Silva

Análise e/ou interpretação dos dados

Cintia Coelho da Silva e Isabel Orestes Silveira

Escrita e redação do artigo

Cintia Coelho da Silva e Isabel Orestes Silveira

Revisão crítica do conteúdo intelectual

Cintia Coelho da Silva e Isabel Orestes Silveira

Formatação e adequação do texto ao template da E-Compós

Cintia Coelho da Silva

informações sobre cuidados éticos e integridade científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?

Não.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?

Não se aplica.

Liste os financiadores da pesquisa:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?

Não se aplica.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?

Não.

Que interferências foram detectadas?

Não se aplica.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo:

Não se aplica.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?

Sim.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?

Não se aplica.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Não se aplica.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?

Não se aplica.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?

Não se aplica.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:

A pesquisa foi conduzida por meio de observação não participante em ambientes físicos e digitais de acesso público, sem intervenção ou interação direta com o indivíduo observado. O estudo respeitou os princípios da ética em pesquisa qualitativa, conforme previsto na Resolução CNS nº 510/2016, que dispensa aprovação por Comitê de Ética em casos em que não há identificação direta dos participantes, nem risco físico, social ou psicológico envolvido. Todos os dados coletados foram utilizados de forma descritiva e reflexiva, com ênfase no comportamento social e não na individualidade do sujeito. O indivíduo foi integralmente anonimizado, de modo a tornar impossível sua identificação por terceiros, protegendo sua privacidade. Não foram coletadas imagens, áudios, dados sensíveis ou qualquer elemento que pudesse causar dano à integridade, honra ou reputação da pessoa observada. As informações derivadas de redes sociais foram obtidas exclusivamente de conteúdos públicos e acessíveis a qualquer usuário, respeitando os termos de uso das plataformas. O foco da análise foi a estrutura de comportamento e práticas digitais no contexto da cultura do consumo afetivo, e não aspectos pessoais ou íntimos do sujeito. Além disso, a pesquisa adotou o princípio da minimização de riscos e maximização do bem coletivo, visando contribuir com reflexões críticas sobre as transformações nas relações humanas contemporâneas, sem qualquer prejuízo à autonomia ou dignidade dos envolvidos.